

Pág. 23

Diz V. G. S.: "O que realmente empol-
ga nesta parte do trabalho de Fer-
nâs de Oliveira é, além de
extrema capacidade inventiva do
autor, e de sua sensibilidade audi-
tiva, a expressão de conceitos pri-
ncipais..." ^{diálogo de V. G. S. com o autor}
~~quando o autor se encontra~~
~~sempre em diálogo com o leitor~~
~~de Fernâs de Oliveira~~

Se não fosse o luxo de ci-
tações de autores latinos e gregos,
em seria capaz de admitir que
o objetivo de Fernâs de Oliveira
foi escrever um trabalho mé-
tico, de caráter puramente didá-
tico, como seria José Pedro Leão,
do, tal a anacronismo ^{disparar} ^{simples} ~~desagradável~~,
por vezes ^{desgraciada e ostinada} ~~abstrata~~, ^{de expressão} ~~que usa para~~
~~expressar os seus conceitos *~~

Vejamos alguns exemplos:

"Esta letra .e. pegno tem figu-
ra como o L com exudata di-
ta e a ponta do esudo em bai-
xo curvada para cima..." (p. 44)

"e. Propunçia-se do frãdy a lin-
gua sobre os dentes quexxals: fa-
zendo hã curta lombo no meio
della diante do papo." (p. 44)

"Esta letra .e. pegno tem figura
d'arco de besta com a polgareira
de cima de todo em si dobrada

Pág. 23

Diz V. Ex.^a que em matéria
ortográfica o gramático português
é partidário do sistema fonético.
"A questão ortográfica encontra em
Fernão de Oliveira um defensor do
sistema fonético".

Ora, tudo para mim que em
assunto de ortografia ^{de us e defensor do sistema fonético} segue
o sistema geral da época, ^{em o seu contexto de}
^{entre as} suas tendências, ^{por isso} foram fonéticas, ^{que}
~~se pode dizer que é defensor~~
~~do sistema fonético, quem~~
~~escreve como etc.~~

Alicia, éle papie tout e l'ultima
de ses contemporains p'le sa
solidité de "unidade de obra", seu
relacionamento com ele^{to} corpo: "Ser en
crist em meu nome: e não ser
muy orado com los exemplos". V. E.
V. E. seu é éle papie seu
corpo diz

Pag. 23 (cont.)

moças digão proprias: e e este
q̃ as mais das vezes q̃ndo vem
hũa vogal logo tras outra no
p̃nuciamo âtrellos hũa letra
como é meyo, seyo, moço, foço.
e outras muitas a q̃l letra a
qui me parece ser .y. e nas
.i. vogal porq̃ ella não faz
syllabe por si: nã tã pouco
.j. cõsoante na força que elle
nos deu, mas é outra q̃si
semelhãte àq̃lla muito exata
e nentã mistura de copiado
e nestes tais lugares podera
servir esta figura .y. e se nã
lé ociosa" (p. 47)

Veji V. Ex. que foi demor-
sado lido com Ferns de
Oliveira quando fala "me tua
extreme capacidade inventiva"
e principalmente "que me empolga"
a sua "expressão de conceitos psi-
micos."

Nã se vê aqui para
mostrar a V. Ex., nem tem
aqui os elementos de prova,
sem Antonio Nobre e Jo
de Barros no ~~desenho~~ desen-
ho

Pág. 23 (cont.)

metesse - p. 60

regerece - p. 66

le (verb) - p. 34, 35

le (=) - p. 35, 40, 63

8 mai os seguintes cards:

thema - p. 64

thema - p.

immortal - p.

immundicia - p. 66

sanctare - p. 66

effeitor - p.

Hetruria - p. 38

hetrurus - p. 38

peccado - p.

Egipto - p. 35, 38

Lybia - p. 35

Nada az, p. exemplo, das ideias
gramaticais correntes na época
e se com outros países já havia
aparecido gramaticas

Por isso, as duas

Não nos dá nenhuma informação
sobre, ^{em face} de ideias gramaticais de
texto de Oliveira correntes no tempo
na Espanha, na França, na Itália,
mas já fornece ^{algumas} ideias gramaticas — ^{após}
Ferreira de Oliveira ^{registra} ^{algumas}
avaliação ou a teor. de como.

Não sei a razão que o levou
a escrever o poema de Ferraz
de Obvencão com y. Esta grafia
estaria muito bem para a época,
mas hoje já não se justifica,

No livro sobre biografia, em
V. 1.ª traça do autor, segundo as
informações de Henrique Lopes
de Mendonça, não nos diz qual
o ano de nascimento, quer em
seu país, onde ele nasceu a
sua obra.

Nada também nos diz das edi-
ções posteriores de Gramática de Ferraz
de Obvencão, de outros modos
que poderiam igualmente sofrer
a influência de sua obra nos gramá-
ticos portugueses que vieram depois.

Por de ré, é muito lacunosa
a biografia em V. 1.ª de Obvencão

Os poemas em verso de
prosa de Obvencão.

Apreciação geral

Em primeiro lugar, acho que
meu trabalho como o de V. Ex.,
ou melhor, o trabalho que V. Ex.^a apren-
te devia ser facsimilado.

1ª edição de
a Arte de Guerra de maior, etc.
(Fernando Alvares), 1ª ed. de 1555,

II

Segundo V. Ex. que dá continuação
sobre o nome do autor, limita-
a ater, na nota 2 (p. 11) de sua
tese, o seu diz Lopo de Mendonça
e, que está em desacordo com
V. Ex., querendo Fernando Oliveira
porque diz assim se achar seu
o o nome do gramático no
mandado de ~~prisão~~ Arte da guerra do mar

Nada nos diz também o candidato
sobre as edições posteriores de Gramá-
tica de Ferri de Oliveira, o que
para de interesse num trabalho,
como o seu.

Silêncio igualmente sobre a influên-
cia que a obra tem nas gra-
máticas que lhe sucederam.

Acho que o candidato deveria
trazer antes um capítulo ^{introdutório} sobre
as ideias gramaticais da época, já
que em outras regiões, como a França,
a Itália e a Espanha tiveram já
seus próprios autores que publicaram
gramáticas - para não esquecer o pe-
queno livro de Gramática de Antônio, de
Fernando de Oliveira. Não ficar indi-
ferente a um momento de estudo
de língua nacional.

Tenho para mim que, num tra-
balho de tese, se devia dar o texto
facilmente, seguido de um apêndice
crítico, a exemplo do que fizera
Johannes Bruns e Ortiz Muñoz
com a obra de Netrij de Netrij.

Feitas estas observações de caráter
geral, penso que as ideias
críticas de tese.

Convinha ~~ter~~ ^{como assim} ~~que~~ V. Ex.^a
 nos esclarecesse o facto de que a
 gramática de Fernão de Oliveira
 é a mais antiga com a afirmação
 de João de Barros, no cap. dos Declinações do verbo, de que "João
 de Barros foi o primeiro que
 pôs a nossa linguagem em arte".
 (Gram. da Língua portuguesa, p. 103-
 104, apud Compilação de varias obras,
 Lisboa, ann de 1785).

Feitas estas observações de carácter
 geral, passemos agora ao exame
 mais detido da sua text.

Apreciação geral

Foi para mim que um trabalho como o V. Ex. não é bem uma tese. Mas passamos adiante. Achei que, depois de todos que fiz Rodrigo de Sá Nepesina, com relativa cuidado, obra melhor se fez quem desse o texto facsimilado, o seu V. Ex. me fez

O texto de

Pag. 15

Mode V. Lx. devant o titre du
 ouvrage de Josquin de Bellay (Dictionnaire
et illustration de la langue française,
 (1549) et de Henry Estienne (Précelle
ce de la langue française (1579))

Pág. 12

Dr. V. G., falando da obra de Boen-
drice: "Este pesquisador andou em busca
da vida da "afirmação gramática
e autógrafo", e publicou um estudo
com introdução a uma edição do
Livro de Fábria dos Reis, e ^{em} publicou
anteriormente interessante documento
~~em estudo~~ ^{anteriormente} documento
em relação à vida de Fábria d'Oli-
veira, e sobre o processo repressivo
que sofreu."

A seguir apresenta: "A história a
resumo de informações sobre o nome
autógráfico."

Ora, se há "interessantíssimos docu-
mentos", eis aí o nome tal históri-
ca a seguir de informações.

Pág. 12

Dr. V. G.: "Gramática apenas por ter
esta nome a sua obra, e não er-
roneamente erudito."

A redação está aqui deficiente. A
obra do autor não tem o nome da
Gramática, mas de Gramática.
Deveria ter sido: "Gramática apenas
por ter escrito uma obra da
Gramática ou uma gramática..."

Pág. 20

Diz V. Ex.: "A todos estes manuscritos
também o de Beroso, da Babilônia;
e o de Antônio Netrisa, espanhol,
e Duarte Galvão, Ami da Silva, fil.
Vicente, mestre Baltasar(?), João
de Azevedo, João de Barros, português,
ver (nota 19)."

Depois do nome de mestre Bal-
tazar, V. Ex. ajunta, entre parêntese,
se, uma interrogação, certamente
por ignorar quem era esse
mestre Baltazar.

Este ponto já foi supracitado e
clarificado por uma comunicação
feita por Sousa Viterbo, no anno
de 26 de maio de 1896, feita
em sessão da Academia Real das Ciên-
cias. Assim começa Sousa Viterbo:

"Foi o de 'Oliveira', autor da
primeira Gramática Portuguesa, a qual
foi publicada em Lisboa em 1536,
por mais de uma vez se refere
a fr. Balthasar, citando a sua auto-
ridade em materias linguisticas.

Nem Barbosa Machado nem os
nos bibliographos falam de fr. Bal-
thasar, de certo porque não deixam
nenhuma obra impressa, e se deixam
alguma em manuscrito perdem-se
ou ficam esquecidas no esquecimento

(200)

Pág. 21

Diz V. E.: "Já tivemos ocasiões de mencionar que a base latina e grega das citações de Farnes d'Oliveira se deve à necessidade de sistematizações do conhecimento gramatical; mas orientações nesses estudos, porém, é de profundo amor e entusiasmada afecção da língua vulgar: o Português."

Ora, na pág. 15, ~~cita V. E. sobre~~ ^{disto V. E.:} ~~de Vossnecker, com quem parecia~~ ^{concordar}: "Naturalmente operando as pressões laudatórias que nem os nossos pares europeus, em relação ao Português, Farnes d'Oliveira não aborrecia a "deficiência" da língua, mas a sua "repositiva prática" (Lente de Vossnecker, Opusculum II, p. 869).

Pág. 21

Concluindo esta pág., diz V. E.: "Salvo casos raros, é a autoridade dos latinos um padrão para os preceitos do Português; assim, em muitos casos, Farnes d'Oliveira repudia o reconhecimento de alguns gramáticos."

Acho que o assim devia estar em for ali substituído por mas, porquanto o que aí diz, está em contradição com o que vem antes.

dos archivos de ordem do Carmo.

Na Torre do Tombo existe, porém, registada numa carta de D. M. Samuel, de 24 de abril de 1521, comprimeado um instrument de eleição do fr. Balthazar para leita da theologia de hora da prima da Universidade de Lisboa, eadeirga se achava vaza por falecimento do fr. João Blaw.

O ~~atto~~ da eleição verificou-se a 11 de abril daquelle anno, nos Estudos Gerais do estudo de Lisboa, na presença do reitor, Ruy Fonseca, var da libreria, do conselheiro, deputados e acadêmicos, ou estudantes.

Os oppositores - ou oppositos, como se os se dizia - eram quatro, e sabiamos mestre João Francisco, mestre Balthazar, frade do ordem do Carmo, o bacharel frei Diogo Nogueira, frade do Ordem de S. Domingos, e o bacharel frei Luiz, frade do ordem de S. Francisco.

Os electos, ou elegitos, deram os seus votos por scripto, cabendo 14 ao padre-mestre Balthazar, três a mestre João, dois a frei Luiz e um apenas a mestre Diogo Nogueira.

Foi portanto proclamado o primeiro.

(*Boletim da Separação da Classe*, vol. I, 1898-1902, Lisboa 1903, p. 79 e 80).

Pág. 97

As ceter o nome do autor da
Origem da Língua Portuguesa, V. Soc.
registra Duarte Nuno de Leão.

Haverá algum motivo forte para
se ve diga de Leão, em lugar
de - do Leão?

Na primeira edição de Orthogra-
phia da Língua Portuguesa, que é
de Lisboa (editor João da Barreira),
1876, o nome do autor está abrevia-
do, Duarte Nuno de Leão.

Assim também se nome o seu li-
vro em Origem da Língua Portuguesa,
cujas 2.ª edição é de 1806 (Lisboa,
Edit. Pedro Crastbach).

As outras obras de mesmo
autor: Descrição do Reino de Portugal
(Lisboa, 1610); Geographia ^{verdadeira} do Reino de
Portugal; Chronica del Rey D. João
de gloriosa memoria, o 1.º desta memoria
(Lisboa, 1643), etc.

~~A verdade é que se não se~~
~~conservava o do Nuno. Assim,~~

Embora os seus autores de História
de Lit. Port. se chamem de Leão (Hist. Lit.
dos Romanos, Aubrey Bell, Vidolin, etc.)
e o frei Pedro Barchada, assim também
escrevem, mantiverá alguma razão forte
para escrever o nome do autor sem
entre o seu apêndice as 1.ªs e 2.ªs,
cujas de 1.ª e 2.ª? Além, aqui de 1.ª

Pág. 23

Diz V. G.: "A gestos ortográficos em
entre em Farnas d'Oliveira com a
feitos do sistema fonético..."

Aqui certos pontos se pode admitir
o gen. V. G. diz. No li' Quinteirão,
porém emprega a cada passo bon
as outras duplas geminadas: ella, quella
accusar, accompanyer, etc.

Então diz Farnas de Oliveira que
em acção, em ortografia, seguem as
regras, mas se pode em as ortografia
e se em acção seguem, em or-
tografia. Basta ver que ora escreve
mal, ora mã, ora acum; ora e
ora he; No mesmo conteúdo que emprega
as maquias ora escreve lingua; ora
lingua

Pág. 23

Diz V. G.: "O seu realmente emprega
muito parte do vocabulário de Farnas
d'Oliveira e, além de se referir a
pacientes de origem do dente, e da
sua sensibilidade auditiva, a se referir
a de concertos pianos..."

Nem sempre. Basta ver como é
pouco explícito a respeito
dos problemas: "Esta letra .a. põe
tã figura de como se hã mudado
dêta e a pôde de tudo em

de Jorrey, na caixa de 1864,
sem V. G. etc., ~~em~~ ~~o~~ ~~em~~
do ~~an~~ e' Don't King do do.

tanto cãbede para cima.. (h.
44)

"c. Pronunciarse dobrado a lingua
sobre os dentes. Sneyxas: fazendo
hã certo sombo no meio delle
dentes do papo..."

Pág. 16

Na citação de obra de Barclay hou-
ve um engano: lá está prononce
em lugar de pronounce; o mesmo
sucede com o título da obra de
Palgrave, onde frangore está escrito
frangoise com i em vez de y.

O engano decorre certamente de
haver tirado a citação de Fallado
y Moñoz, que transcrevem sem o y
o adjetivo pátrio francês. Para a
grafia correta, ver a Histoire de la
Langue Française par Ferdinand Brun-
net, Paris, Armand Colin, 1906, t. II, p.
124.

Pág. 16

Diz V. Ex.^a: "Grammaticas autem hunc
omnes apud de Nebrisse (1492), e
italiana, de Bembo (1524), etc."

Pé em baixo cita V. Ex.^a a obra
de Bembo — Prose della volgare lingua,
Roma em 1525.

Em seu pincel — foi a obra em
apenas publicada em 1521 ou 1525?

(C)

a fixar com o próprio autor, cujo nome aparece sempre grafado Duarte Nunes de Leão, desde a 1ª edição de Ortografia da Língua Portuguesa (Lisboa, 1576) e da Origem da Língua Portuguesa (Lisboa, 1606).

Na segunda edição, esta obra só foi publicada num só volume (Lisboa, Holandica, 1784), com o mesmo nome Duarte Nunes de Leão.

Na terceira edição, já se trata de 1864, onde também se junta a Ortografia e a Origem, mantendo o nome do autor e Duarte Nunes de Leão.

Assim também se tem Leite de Vasconcelos sobre o nome de Duarte Nunes de Leão (Operários, II, p. 865).

Pág. 17 (cont.) - 1 -

chegaram fallando q' homẽz. se,
em vez de "chegã", estivesse
"vêm a Toledo", estaria bem fun-
damentado a sua hipotese. Mas
assim, não se poderia dizer que
êla aí tivesse composto toda
a pronúncia. O mais que se poderia
concluir é que ali teria scido
parte dela, ou ainda a parte ca-
pitul.

São muitas as passagens, a con-
trário, que deixam em nome spino-
so a convicção de que êla a
ouve em Portugal.

Examinemos algumas:

"E estes já então ordenarão boas
leys e ensinarão letras nesta ter-
ra cõ muitas outras nobrezas e
boas costumes que nela deixarão."
depoys que Hercules Lybis filho de
osiris rei do egipto vey morar
a esta terra"... (p. 35).

"Luso que tambem ennobrecer esta
terra não foy Grego"... (p. 36)

... "e so esta nome terra Portugal
na Espanha quando os godos com
seus costumes barbaros e viciosos
perderam a Espanha teve sempre

Pág. 17 (cont.) - 2 -

Bádeya nunca sogente a mouros..."

(p. 36)

"... cō os q̃es nã en q̃o q̃as dar
mais valia nas costumes de muitos
gãmalhos: nã quero deixar a q̃
pericula q̃ me mostra mãs aq̃
aspiracão estas terras... (p. 51)

*

As pecto sue emprega o demon-
trativa esta para Portugal, emprega
sem para os outros terras: "e deum
finto diz q̃o essa terra (refere-
se à freira, de q̃m jã havia falado
^{nao} antes) palamedos e simonides apu-
derão os principios desta monarquia...
(p. 38).

Las muntas as pastagens que indi-
cam Portugal como a terra
onde nasceu Fernão de Oliveira
a sua obra dramatica.

* "... mas dos furdulos e falsos/douos
maior d'homens que nã se moverão esta
terra: segundo conta Estrada no terceiro
livro de sua geographia." (p. 36)

Pág. 12.

Diz V. Ex.^a: "Este pesquisador andou
comiçando a vida do "afamado gra-
mático e manógrafo", e publicou seu
estudo como introdução a uma edição
do livro da Fábrica das Nações, e
que acrescentou interessantíssimo do-
cumentação sobre a vida de Fernão
al'Oliveira, e sobre o processo inquisi-
tório que sofreu."

A seguir acrescenta: "É lastimável
a escassez de informações sobre o
nosso autor..."

Ora, se há "interessantíssima
documentação, não pode ser assien-
ta "lastimável a escassez de in-
formações."

Pág. 12

Diz V. Ex.^a: "Gramático apenas por
ter este nome a sua obra, entretan-
to um erudito..."

A redação está aqui em ponto de
feitura. A obra do autor não tem
o nome de gramático, mas de
gramática.

A quem deveria ter escrito era:
"Gramático apenas por ter escrito
uma obra de gramática, ou uma
gramática..."

Pág. 17.

~~Julgamos~~ provável fallido q Lou-
nõz qm Fernã de Oliveira ten-
ha escrito a sua gramática na
bexota, provavelmente em Toledo.
A isso responde V. Ex.^a, achando a-
centual a hipótese acima: "Fer-
nã d'Oliveira declara na in-
trodução à Gramática qm deseja
ver suas obras publicadas "s o
o título de seu nome" (refere-se
a D. Fernando de Almeida); a
adoção de tal libeccos para apu-
drinar-lhe as publicações, no en-
tanto, não invalida a hipótese q
qm se refere fallido; e, antes,
bem accepto."

A passagem a qm alludeo falli-
do q Lounõz é a seguinte: "Ja confi-
samos ser verdade o q diz Mare-
varrã nos livros de Etymologia
q se mudam as voges e com ellas
e tambem necessario qm se mudem
as letras: mas não com tão pouca
respeito como agora alguns fa-
zẽ: os qes como chegão a Toledo.
logo se não têbrão de sua terra
a q muito deuem." (p. 40)

Não vejo modo neste passo qm
possa levar à hipótese q qm

Apreciação geral

Preliminarmente devo declarar que um trabalho de natureza do seu, prof. Olmar, devia trazer o texto facsimilado.

Seria V. Ex.^a assim evitada o grande número de engano nos traços cujos que fez, como depois de mostrarmos e, ao mesmo tempo, prestado um grande serviço à filologia portuguesa, oferecendo-nos o texto exacto da gramática portuguesa.

*

A apreciação que V. Ex.^a faz da ~~obra~~ obra de Ferns de Olmar é muito sumária, basta dizer que ela está contida apenas em 13 págs. (19-32), com largas margens e bastante espaço no alto e baixo das páginas.

Depois de rápidos resumos dos fontes (p. 15), em que se abatem Ferns de Olmar, expõem-se que V. Ex.^a nos dá alguma informação sobre as, em face das idéias gramaticais, correntes da época — mais que que na Espanha, na França, na Itália já haviam ocorrido. Simultaneamente a obra de Ferns

Pág. 12 e 13

Diz V. Ex.^a: "Por três vezes se
vêm às voltas com os tribunais
do Santo Offício; amargam no cárcere,
recluem, combatem — em suma,
vivem vida intranquilha e romanesca."

Ficou em dúvida se se pode
empregar esse qualificativo ao
poeta Tinas de Oliveira. Se ele
foi intranquilo, não há dúvida,
que foi então, em certa fase, a
restaurar e misteriosa, além da
acção, mas romanesca, e que
mas atina para quê?

Romances, diz Figueiredo: "adj.
Que tem carácter de romance. Românti-
co, maravilhoso. Subj. Devaneador. Re
passado. Substantivo."

Sabendo V. Ex.^a que há contravir-
são sobre o nome do autor de
Gramática, limito-me a citar, na pa-
ge 2 (p. 11) da sua tese, o seu diz
Lopes de Mendonça que, ao entrá-
rio de V. Ex., sempre se refere Fer-
nando Oliveira, porque assim se
acha escrito o seu nome na Arte
de Guerra do mar e no manu-
scrito do Livro da fabrica dos navios.

Não sei a razão por que V. Ex.^a
tome o nome de Fernão de Oliveira
com y. Esta grafia anterior muito
boa para a época em que vi-
veu o gramático, mas já hoje
não se justifica.

No ligeiro esboço biográfico que
V. Ex.^a traça do autor, não nos
informa em que anno elle viveu
em, nem quais foram os seus
paes, nem ainda em que anno
elle a teria escrito.

Nada também nos diz das edi-
ções posteriores da Gramática, do
autor ^{mesmo} (que silencio igualmente
sobre a influencia da sua obra
nos gramaticos portuguezes que
lhe succederam).

Plata para mim em integral
de f. 6.ª. Já é ^{insignificante} para
tese.

* Na época em que alguns, depois
nem faziam a reprodução de textos
antigos pela simples cópia.

* Na época em que vivemos, já
nem se concebe a reprodução de
textos antigos pela ^{transcrição} simples
manual.
E até têm só neste meu modo
de ver os críticos. Em uma recente
obra, publicada pouco há, com o
título: Textos Medievais Portugueses
e seus Problemas, p. 21, escreve o
prof. Serapim Silva Neto: "Hoje,
em virtude dos progressos técnicos da
antiquaria fotográfica e da reprodução
facilitada, a transcrição puramente
diplosmática é um atraso, pois
com ela ficamos sempre em strita
dependência do critério e da pericia
do editor, que, no entanto, pode ter
mal e nos compreender alguns
palavras."

Ver Aparato Crítico de Nebrija
144.

Pág. 19.

Na lista dos autores latinos, V. S.^{ca}
se esquecem de mencionar Hordacio,
que aparece citado por Firmato da
Oliveira, à pág. 41

Cominica com V. Ex. nos explicar
se como analisar o facto de ser
considerado Fernão de Oliveira o
mais antigo gramático português,
como elle próprio confessa — "escre-
vi (referindo-se à obra) sem ter outros
exemplos antes de mim" (p. 95) — como
a affirmacão de João de Barros, seu
contemporâneo e conhecido, no Cap.
das Declinações do nome, de seu
"João de Barros foy o primeiro
que pôs a nossa linguagem em
arte..." (Gram. da Língua Portuguesa,
p. 103-104, apud Compilação de
várias obras, Lisboa, anno de 1785).

Feitas estas observações de carac-
ter geral, passemos agora es-
sa parte mais detida da ques-
tão.

Pág. 20 (cont.)

Balthasar, de certo por que não deixou nenhuma obra impressa, e se deixou alguma em manuscrito perdem-se ou ficam esquecida nos esquecimentos dos archivos da ordem do Carmo.

Na Torre do Tombo existe, por sem, registada uma carta de D. Manuel, de 24 de abril de 1521, confirmando um instrumento de eleição de fr. Balthasar para leiti de theologia de hora de primeira da Universidade de Lisboa, cadeira que se achava vaga por falecimento de fr. João Claro.

O act da eleição verificou-se a 11 de abril d'aquelle anno nas Escolas geraes do estudo de Lisboa na presença do reitor, Rui Gonçalves de Utracoste, dos conselheiros, deputados e escolares, ou estudantes.

Os oppositores — ou opposentes —, como então se dizia — eram quatro, a saber: mestre João Francez, mestre Balthasar, frade da ordem do Carmo, o bacharel fr. Diogo de Aguiar, frade da Ordem de S. Domingos, e o bacharel fr. Luiz, frade da ordem de S. Francisco.

Os electores, ou elegentes, deram os seus votos por escrito, cabendo 14 ao padre-mestre Balthasar,

Pág. 20

Diz V. G.^a: "A todos estes nomes
juntam-se o de Beroso, da Babilô-
nia; e os de Nebrissa, espanhol, e
Quarta falção, Rui de Pina, Gil V.
cento, mestre Baltasar (?), Garcia
de Resende, João de Barros, portu-
gueses."

Depois do nome do mestre Balta-
sar, V. G.^a põe ~~gunta~~ ^{põe}, entre parênteses,
uma interrogação, certamente para
indicar que
~~ignora~~ quem era esse mestre
Baltasar, cuja autoridade em assun-
to de língua portuguesa tinha
para Fernão de Oliveira tanto
piso (p. 58, 71).

Este ponto já foi suplementamente
esclarecido por uma comunicação
de Sousa Viterbo, feita em sessãõ da
Academia Real das Ciências (26
de maio de 1896. Assim começa
Sousa Viterbo:

"Fernão d'Oliveira, autor da pri-
meira grammatica Portugues, e que
foi publicada em Lisboa em 1536
por mais de uma vez se refere a
fr. Baltasar, citando a sua au-
toridade em matérias linguísticas.

Nem Barbosa Machado nem ou-
tros bibliographos falam de fr.

Pág. 20

Diz V. Fr. : "Os cinco primeiros capítulos
da "Grammatica" formam
a introdução necessária para os
que se aventurassem à exposição
das doutrinas, do resto que dizê"

Acho que em vez do imperfeito
do subjuntivo Woz. deveria empregar
o subjuntivo presente ou futuro
o futuro do subjuntivo.

Pág. 20 (cont.)

3 a mestre João, 6 a fr. Luiz
e 1 apenas a mestre Drogos No
gueira. Foi portanto proclamado o
primus."

Se interessar a V. Ex. o texto da
comunicação, poderá lê-la no
integral no Boletim da Segun-
da Classe, vol. I, 1898-1902, Li-
boa, 1903, pp. 79 e 80.

Pág. 21

Diz V. Ex.^a, em nota ao texto desta página, a propósito de afirmativa de Fernal de Oliveira, acerca da pronúncia repensada de sua época:

"Esta é uma questão aberta à investigação paciente e erudita dos especialistas; será verdadeiro a infonemas? e até que ponto?..."

Não há ^{mais} nenhuma dúvida a este respeito. Todos que falam da pronúncia do séc. XVI são unânimes em reconhecer esse fato.

Se V. Ex.^a tem dúvida, procure ~~o~~ capítulo final de Expositio de Pronúncia Normal Portuguesa, Lisboa, Imprensa Nacional, 1892, de Francisco Viana, intitulado - Considerações sobre a pronúncia do português do centro do reino no tempo de Camões.

Aí ela aconselha aos seus patriotas que não deixem os versos do grande épico lusitano com a pronúncia atual, ~~mas~~ ^{sem} fazer distinção, ^{mas} ~~pausadamente~~, ^{como devia ser} a pronúncia do português à época de Camões.

Assim, nem verdo ^{do seu tempo} como aquela;

Pág. 21

Ainda nesta pág., diz V. Ex.^a: "Salvo casos raros, é a autoridade dos latinos um padrão para o preceito do Português; assim, em muitos casos, Fernandes de Oliveira repudia os ensinamentos daquelles gramaticos".

Peço V. Ex.^a dito que a autoridade dos latinos é uma norma ou padrão para o português, e pergunto que aquêl "assim" fosse uma espécie de conclusão ou justificativa de que Fernandes de Oliveira melles se baseara, para rejeitar a sua gramática, o que se não pode negar, tanto nas as citações que dell' fez.

Mas V. Ex. conclui de modo contrario, desarticulando a expressão natural de seu pensamento, que então deveria ser assim aprehendido: "Salvo casos ~~antigos~~ raros, em que Fernandes de Oliveira repudia os ensinamentos dos grammicos latinos," etc.

Pag. 23

Diz V. E.^a que em vós procurou
identificar quem fosse aquele M. de
Bordemoy, e que se refere Dangeat,
como sendo o autor do Discours
physique de la Parole

Em primeiro lugar, o ^{M.} ~~mesmo~~ que
querede o nome do autor não
faz parte dele, pois é tratado
to fr. Monsieur.

Depois, o nome completo do autor
é Girard de Bordemoy, filósofo e
historiador francês que nasceu em
Paris, 1620, e aí mesmo faleceu, em
1684. Foi advogado, partidário de
filosofia cartesiana e membro da
Académie Française (1675).

Falando desta autor, dizem Br-
champs et Brunet: "On doit à Gi-
rand de Bordemoy, avant lecture
du Grand Dauphin, en 1684, de
nombreux ouvrages entre autres
une Histoire de France, Lignard,
en 2 vol in. fol."

Pág. 21 (cont.)

"E se vir's que pode merecer-te"

mas deve ser lido:

"E se vir's que pode merecer-te..."

Passando das regras à demonstração prática, transcrevem em alfabeta fonética várias estrofes dos Lusiadas, em que representam, como as letras de outra, a pronúncia portuguesa do séc. XVI e a do século XIX, isto é, a de 1892, ano de publicação de sua obra. Dê-se conta que a pronúncia do tempo de Camões era muito semelhante de que fala Fernão de Oliveira: "mas nos falamos com grande respeito como homens assentados" (Grammatica, p. 35)

Pág. 23 (cont.) - 1 -

ainda g não amassada: e sua voz não abre já tão a boca e descobre mais os dentes." (p. 44)

"A figura desta letra o. põe-se e redonda por inteiro como hui arco de pipa e a sua pronúncia faz assim mesmo a boca redonda dentro e os lábios encostados em redondo." (p. 45)

"Esta letra u. rogal aperta as queixadas e prege os lábios não deixando aberturas mais g so hui canal por onde sae um som como o qual he a nossa voz." (p. 45)

"Pronunciasse a letra b. outros lábios apertados lançando para fora o bafe com impeto: e quasi com baba" (p. 45)

"Esta letra y. que chamamos grega tẽ a figura como v. co-
mstante se nota que estende hui
perna para baixo, ficando-lhe
a boca para cima todavia:
de q̃l alguns poderas dizer
q̃ não e nossa: mas eu lhe da-
rei officio na escriptura das

Pág. 23

Diz V. Ex.^a: "O que realmente em-
polga nesta parte do trabalho
de Fernão de Oliveira é, além da
extrema capacidade descritiva do au-
tor, e da sua sensibilidade au-
ditiva, a expressão de conceitos pi-
cososos..."

Discordo de V. Ex.^a. Acho que
se mostra muito generoso com
a linguagem de Fernão de Oliveira.
Não põe o luxo das citações de
autores latinos e gregos, mas feri-
diz-me em admitir que o objetivo
de Fernão de Oliveira foi escrever
um trabalho prático, de caráter pe-
rivelmente didático, como quer José Pe-
dro Machado, tal a maneira sim-
ples, por vezes desagradosa e vasta-
za, de expressar os seus conceitos.

Vejamos alguns exemplos:

"Esta letra .a. peço se figu-
ra deuo oõ hum esquadete diã-
te e a pōta do esquad em baixo
cābada para cima"... (p.44).

"Esta letra .e. pegamos a
figura d'arco de besta
com a polguera de cima
de todo em si dobrada

Pág. 23 (cont.) - 3-

na direção da formação de poemas,
poemas, mas deixam as ^{a terra} ~~terras~~ das
comparações vulgares, como o caso
Ferns de Oliveira.

Ahós, ele próprio temia a
crítica feita com muitos pon-
tos, pelo que procurou responder
se contra ela na "movida da
da obra, reconhecendo assim e' o
primeiro a confessar: "Ser eu
mesmo em quem se deu: e não
ver muito ornado com bons exem-
plos." (p. 95)

Pág. 23 (cont.) - 2 -

novas dicções próprias: e este $\tilde{g}$
as mais das vezes $\tilde{g}$ ndo vem hũa
vogal logo tras outra nos $\tilde{p}$ in-
ciamos âtrellas hũa letra como
 $\tilde{e}$ meyo. seyo. moyo. joyo. e outras
muitas a $\tilde{g}$ l letra a mi me
parece ser .y. e nas .i. vo-
gal por $\tilde{g}$ ella não faz syll-
ba por si: nã tã pouco .j.
cõsãte na forma que dhe nos
demos mas $\tilde{e}$ outra $\tilde{g}$ si se
melhãte a $\tilde{g}$ lla muito $\tilde{e}$ anta
sẽ nenhuma mistura de copiar
e nestes taes lugares podera se-
uir esta figura .y. e se nã
he ociosa" (p. 42)

Vejã V. Ex. que foi demandado
liberal em afirmar que realmen-
te empolga na obra de Ferno de
Oliveira é, além da extrema capi-
acidade agnitiva e da sua senti-
bilidade auditiva, a expressão de
conceitos primordiais.

Não há razão aqui para
mostrar a V. Ex.^a, nem tentes
aqui também os elementos da
prosa, que António de Nebrija
e João de Barros, em seu con-
temporâneo e saguêdo predecessor,

Pág. 23 (cont.) - 1 -

accêto - p. 64

acêto - p. 52, 44, 61, 62

acento - p. 44, 59, 61, 62

offício - p. 55, 56, 71

ofícios - p. 35

ofício - p. 35, 53

linguagê - p. 77

linguagem - p. 39, 35

linguagem - p. 61, 64

grammatica - p. 64

grâmatice - p. 39, 65

gramatica - p. 38, 56

philosophos - p. 39

filosofo - p. 56

etymologia - p. 64

ethimologia - p. dedicatoria

etimologia - p. 64, 65, 67

lever - p. 48

avear - p. 41

ou vera - p. 36

de - p. 40

trâguils (Sut.) - p. 38

trâguills (Sut.) - p. 39

Pag. 23 (cont.) - 2 -

yoam - p. 71

yoas - p. 65

~~yoas~~ p.

algūas - p. 49, 67

alghūas - p. 50

alghūas - p. 50

despays - p. 35, 38, 48

despois - p. 38, 61

metesse - p. 60

neguerre - p. 66

e (verte) - p. 34, 35

le (u) - p. 35, 40, 63

8 mais os seguintes vocábulos:

thema - p. 64

themas - p. 38 - Atenas - p. 38

lybia - p. 35

Egipto - p. 35, 38

peccado - p. 56

immortal - p. 32 (dedication)

immundicia - p. 66

effeto - p. 44

sanctari - p. 66

sancto - p. 36

~~sancto~~ p.

Geographia - p. 36

~~Geographia~~ p.

merica entre simplificados, em con-
sonância com as suas próprias
palavras: "Sejamos ^{deprimidos:} hãa certa re-
gra da' mulher / e a mais feia
(p. 44)

Pág. 28

Diz V. Exa: "Há na gramática de Oliveira (aqui a grafia sem y) dois capítulos sobre verbos; e aí quem faz referência a João de Barros, dizendo-o favorável à primeira forma para a primeira forma do verbo ser..."

Não é a única referência que Fernão de Oliveira faz ao autor das Decadas. Outro, na pág. 71, a propósito de ti por até, já invoca a autoridade de João de Barros, em matéria de língua vernácula (p. 71)

Pág. 29

Citando no capítulo de pág. 27 (nota 26) um passo de António, V. Exa. omitir depois de entre a palavra preço analogia

Pág. 25

Diz V. G.: "Até hoje há quem co-
tende aos encontros ai citados a
denominar de ditongos crescentes
ou falsos ditongos...

Ora, nem sempre os ditongos cres-
centes são falsos ditongos. Em qual
suave, suave, regência, tranquilo,
etc., temos ditongos crescentes, em
se são falsos ditongos.

Os falsos ditongos são os átomos en-
centos, e que se são diversos.

Pág. 22

Diz V. G.: "O quinto capítulo proce-
de a expos a história de gramática
no mundo, e particularmente o fato
da história portuguesa que de qual-
quer modo concorreram para o cultu-
ro dele.

Adquirir cite Sancti, De clavis et
fortis e Anlo filio, Noctis Atticus
sem nos ver por que tenham rela-
es com a história de gramática
portuguesa.

Pág. 46: l. 23 - Santiliana - por - Santiliana
l. 31 - pronunciemos: u - por - n
l. 36 - dois pontos depois de elles

Pág. 47: l. 6 - semelhante - por - semelhãte

Pág. 48: l. 5 - aída - por - aída
l. 17 - trita - por - trita
l. 20 - unir o se ao chamão
l. 32 - latinos - por - latinos
- depois - por - depois
l. 34 - vos - por - voz

Pág. 49: l. 23 - aída - por - aída

Pág. 50: l. 2 - algũas - por - alghũas
l. 11 - nenhũma sem o m
l. 34 - grades - por - grandes

Pág. 51: l. 31 - antes de testemunha e

Pág. 52: l. 6 - lĩgua - por - lĩgua

Pág. 53: l. 23 - lĩgua - por - lĩgua
l. 30 - aída - por - aída

Pág. 54: l. 19 - lĩgua - por - lĩgua

Pág. 57: l. 13 - genero - por - genero
l. 17 - de depois de sa
l. 26 - fezerãno - por - fezerãno
l. 18 - coneca - por - coneca

Exemplos de transcrições:

Pág. 34 : l. 1 - a por e

: l. 3 - mostro - por - monstr

: l. 10 - cavaleiros - por - canaléis

: l. 13 - quintiliano - por - quintilian

: l. 14 - armas - por - almas

Pág. 35 : l. 15 - aprendesse - por - apremendo

Pág. 37 : l. 9 - nada - por - nada

Pág. 38 : l. 19 - esquecida - por - esqueci

Pág. 39 : l. 38 - partes - por - partes

: l. 39 - vozes - por - vozes

: l. 39 - falta de antes de Por

Pág. 40 : l. 34 - e - por - he

Pág. 41 : l. 1 - língua - por - lígue

l. 19 - lígue - por - lígue

l. 27 - lígua - por - lígue

Pág. 42 : l. 2 - não antes de veja

l. 2 - põe lhe - por - põe lhe

l. 21 - mos depois de antes

Pág. 43 : l. 21 - pronúncias sem o n

l. 23 - tamê - por - tambê

Pág. 44 : l. 20 : quintiliano - por - quintilian

(a)

Pág. 83: l. 16 - qualidade - por - calidade

Pág. 84: l. 3 - vlos - por - ñlos

l. 7 - lequa - por - lique

l. 15 - propositivos - por - propositivo

Pág. 85: l. 23 - de - por - se

Pág. 86: l. 30 - anda - por - anda

Pág. 88: l. 33 - fragão - por - frãgão

Pág. 91: l. 11 - juntos - por - junto

Pág. 92: l. 4 - pronúciacão - por - pronúciacs

l. 11 - infinitivo - por - infinitino

Pág. 93: l. 27 - relativo - por - relatino

Pág. 94: l. 9 - dessemelhaca - por - dessemelhaca

l. 20 - particularmente - por - particularmête

Pág. 95: l. 10 - voss - por - vazes

Pág. 58 : l. 8 - abobanãs - por - acabana
l. 20 - dividir - por - dividi
l. 32 - espírito - por - espírito

Pág. 59 : l. 29 - de - por - do

Pág. 61 : l. 18 - dos - por - deus
l. 27 - língua - por - língua

Pág. 62 : l. 3 - principal - por - princípa

Pág. 63 : l. 28 - antes (depois de antes por
: l. 29 - porrem com um só r

Pág. 65 : l. 13 - e (antes de os ^{monte} fund.
l. 16 - etimologia - por - etimologia
l. 20 - como sem o til

Pág. 66 : l. 4 - my - por - my
l. 32 - Preguntardhey - por - Preg^{terchey}

Pág. 67 : l. 1 - língua - por - língua

Pág. 68 : l. 20 - costume - por - costume

Pág. 72 : l. 33 - de - por - do

Pág. 79 : l. 10 - pricipio - por - príncipepio
l. 35 - pricipio - por - príncipepio

Pág. 80 : l. 1 - obos - por - obos
l. 29 - computato - por - computato

Bibliografia

São muitas imprecisas as indicações
do candidato acerca dos livros citados.
É o que acontece, por exemplo, com:

Aulo Gêlio, Noctes Atticae, ed. Garmier

Keil (H.), Grammatici Latini, Leipzig, 1864

Orá, a compilação de Keil consta de
8 volumes e vai de 1855 a 1880.
De alguns, como o V (1923) e o VI
(1923), há exemplares anastáticos. A BnB
já tem dois conservados dos vols. —
o II (1855) e o III (1859).

Tudo leva a crer que V. Ex.^a tenha
consultado apenas um volume, mas
neste caso deveria dizer qual.
Como o único saído em 1864 é
o quarto, consagrado a Prato, Donato
e Sêneca, V. Ex.^a devia fazer menção
do IV. vol.

~~Quintiliano~~ Quintiliano, De illustribus grammati-
cis e De claris rhetoribus,
ed. Nisard

Tal como se acha indicado, em
uma bibliografia, parece que se trata
de uma obra à parte, o que não
é verdade. Estes dois tratados de
Quintiliano, de Marco Nisard, foram em

Rui da Pina - p. 37

Salústio - p. 38

Suetônio - p. 38, 39

Vitrúvio - p. 37

Xenofonte - p. 38 (2 vezes)

apêndice à vida dos doze Césars
(Quodcum Cesaris)

Devo também declarar que a capitã
latina que até nos os os outros,
como as de Col. Nisard e formier

A edição de Barros por Agostinho da Silva é incompleta, por isso se desajusta pouco as alturas do cume dos picos, suprimindo de muitos inscricoes que se encontram nos seus cumeiros de poeira veronense.

Dauzat (A.), Le vie du langage (trad. aut.)
Buenos Aires, 1946.

O Sr. V. b.º deves ter feito en-
der o título da obra em castelh.
ou e acrescentar a tradução de fronte

Leas (Quarta Numa da), Origem e Ors
grafia da Língua Portuguesa,
Lisboa, 1864.

Não indicar os nomes de Almeida Nogueira,
as referências F. S.ª ficar com os
autores de Histórias da Literatura
Portuguesa, com Memórias dos Almeida,
Gilby-Bell e outros
Fidelis Figueredo, J. L. Costa Lima
São Paulo, 1968, p. 100.

Lista de Autores

Autores citados:

Antonio de Nebriassa - p. 40
Aulo Gélio - p. 39, 51, 81
Beato Baltasar - p. 58, 71
Beroso - p. 35, 38
Botão - p. 38
Catulo - p. 51
Chilo - p. 39
Cícero - p. 34, 39, 73, 95
Carmelo Fronto - p. 46
Diodoro Siculo - p. 38 (2 vezes)
Diógenes Laércio - p. 34
Dionmedes - p. 46, 47, 52 (2 vezes)
Duarte Galvão - p. 36
Garcia de Resende - p. 71, 88
Inácio - p. 36
João Vicente - p. 48
Homero - p. 38
Horácio - p. 41
João de Barros - p. 71, 92
Jorge da Silveira - p. 88
Marquês Capela - p. 38, 50, 52 (2 vezes)
Marco Varão - p. 40, 73, 80, 81, 82
Mário (filho) - p. 34
Mersila - p. 38
Nuno Pereira - p. 88
Plínio (Antig.) - p. 35, 36, 38, 41, 51
Pompônio Mela - p. 95
Probo - p. 49, 51
Ptolomeu - p. 35
Quintiliano - p. 34 (3 vezes), 40 (2 vezes), 44
(3 vezes), 51 (3 vezes), 52, 67, 74, 77